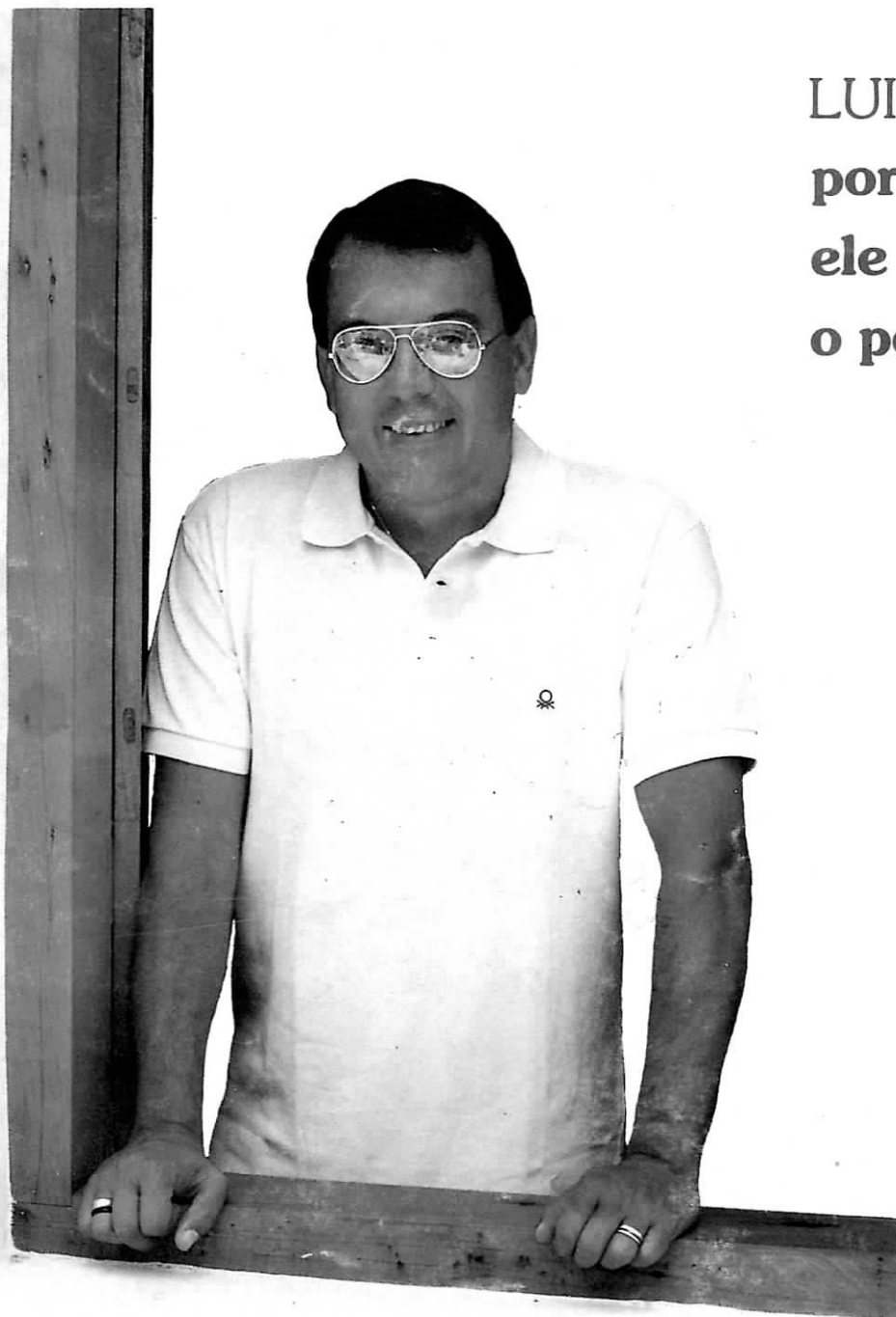


REVISTE

Ribeirão Preto, novembro de 1987
Ano II nº 8 Cz\$ 70



LUIZ BIAGI
porque
ele deixou
o poder

vigor rima
com educação

e o quartirão
paulista?

PONTOS-DE-VISTA DE UM EMPREENDEDOR

Até cinco anos atrás, se algum jornalista quisesse obter declarações no mínimo polêmicas, e no máximo contundentes, bastava discar para o então diretor e vice-presidente de Marketing da Zanini S/A Equipamentos Pesados, Luiz Biagi, em Sertãozinho. Nem era preciso fazer tantas perguntas. Por conta de seu estilo, ele dificilmente deixava de disparar declarações que, tanto o governo quanto os empresários, preferiam não ver publicadas. Mas não tinha jeito. Uma vez ele falou contra o Mário Garnero para o "Estado de S. Paulo" e deu capa. Foi o suficiente para que, nas entranhas dos meios empresarial e político, fosse montado um esquema para derrubá-lo. Afoitos, doze jornalistas foram até o seu escritório e, em coro, frisar: "Não vamos publicar mais nada do que você falar". Perplexo, ele perguntou o porquê. A resposta, também em coro: "Porque você vai ser boi de piranha, e nós não queremos que você seja isso". Resultado: Luiz foi em frente e não parou de falar. E nem caiu.

Mas há quem teime em afirmar que sua saída da Zanini (há três anos nem o conselho consultivo ele integra) foi obra de um inescrupuloso esquema. Não foi. "Saí da Zanini porque, ao não concordar com o modelo econômico brasileiro, ficava muito difícil de dirigir uma empresa como esta". O fato dele ter trocado as manchetes (foi capa de revistas como Exame e Senhor) pelo anonimato de uma fazenda em Cravinhos, ajudou a confundir ainda mais a opinião pública. Não é exagero dizer que, pelas esquinas, aventava-se inclusive a hipótese dele ter enlouquecido. Foi quando, em 84, Luiz obteve franquia da griffe italiana Benetton. Pronto. Ressurgia à cena empresarial o temido Biagi, um dos 827 membros da família de mesmo nome, agora investindo no campo da moda. São sete lojas Benetton espalhadas por Ribeirão, São Paulo, Rio Preto e Uberaba.

Re - Hoje, aos 44 anos, você se considera ovelha negra da família?

Luiz - Numa família grande como a minha existem vários outros candidatos. Fica difícil assumir esta paternidade. Mas sou dissidente do modelo econômico que existe. Só se vai para frente quando cada um for responsável pelo seu lado. A juventude, por exemplo, está perplexa porque vê um leque de irresponsabilidades, de favores, que são uma declaração pública de desobediências. Isso é o ápice de todo este pessimismo porque passamos.

Re - Explique melhor este seu inconformismo.

Luiz - Trabalhei vinte anos para a família. Quando vi que não tinha mais amor, pois tudo o que se faz na vida deve ser com amor, saí. Sou contra os monopólios, enquanto a classe empresarial é a favor deste estado de coisas. Marajás não são os que foram divulgados, mas os que se beneficiam pela reserva de mercado. A Autolati-

CONSIDERADO OVELHA NEGRA DA FAMÍLIA, LUIZ LACERDA BIAGI É, TAMBÉM, TEMIDO. PELO EMPRESARIADO E PELO PRÓPRIO GOVERNO. NESTA EXCLUSIVA, ELE AFASTA QUALQUER VERSÃO DE QUE SEJA UM BICHO PAPÃO.

na é um exemplo. O Brasil é o único país que dá reserva de mercado a uma multinacional. Por ser contra tudo isso, minhas declarações começaram a incomodar. Cheguei várias vezes a prestar esclarecimentos no SNI em Brasília.

Re - Você dirigiu a Zanini na época em que ela mais cresceu. Por que havia tantas discordâncias com seu método de trabalho entre a própria diretoria?

Luiz - A gente já nasceu com complexo de Terceiro Mundo. Esta síndrome de ser inferior aos outros eu queria espanar. Eu queria montar um escritório da Zanini nos EUA. A maneira de competir com os grandes é ser um deles. Deveríamos ser uma multi para enfrentar uma multi. Fui para o Panamá e montei uma trading. Eu queria um prédio na avenida Paulista, como fiz, porque, como um banco, a empresa precisa de um prédio sólido. O objetivo dos dois, aliás, é o mesmo: vender. E estas posições sofriam retenção.

Re - Você deve ter aprendido muito com seu pai, Maurílio Biagi.

Luiz - Sim. Tinha satisfação de trabalhar na Zanini porque meu pai era um sujeito de visão evoluída. Na primeira greve ocorrida na empresa, ele chegou, não viu ninguém, pegou a chave do prédio e foi embora. Uma semana depois, quando os operários decidiram voltar ao serviço, foram até meu pai pedir a chave. Ele disse que assim não dava, estava tudo muito desorganizado, que os funcionários precisavam montar um sindicato. E foi isso: ele acabou organizando o sindicato dos metalúrgicos.

Re - Cite uma máxima da família Biagi.

Luiz - Diz assim: nunca dê nome de parente a um prédio da empresa porque de-

pois, caso você vá à falência, seus descendentes têm de carregar o ônus.

Re - O poder lhe fascina?

Luiz - O poder nunca me fascinou. Ele é chato porque você só convive com gente chata. Quem tem poder são pessoas sem conteúdo. Sem o poder elas estão nuas. O poder é uma coisa que eu não curto e, inclusive, tenho muito medo dele.

Re - Medo?

Luiz - Toda pessoa que adquire muita força eu acho perigosa. Por isso sou partidário de uma melhor distribuição. E isso vale tanto para a política quanto para a economia.

Re - Você é a favor da reforma agrária?

Luiz - Eu gostaria que muita gente tivesse seu pedaço de terra, mas nada daquele negócio de falar demagogicamente em distribuição. Quanto mais gente tiver, mais equilíbrio vai haver.

Re - Você não se considera mais um empresário?

Luiz - Eu me considero um empreendedor. Talvez nem seja um empresário, porque, pelo empresário, se entende quem vai tomar conta de uma coisa. E eu não gosto disso. Eu gosto de realizar. Abrir lojas, por exemplo, eu adoro.

Re - Como foi a escolha pela Benetton?

Luiz - A família Benetton é do mesmo lugar italiano de meu avô. Depois, a griffe não é voltada para a classe A. E também não cria a moda, mas procura interpretar o interesse do consumidor.

Re - Explique melhor este gosto por realizações.

Luiz - O shopping de Ribeirão é uma realização minha, embora poucos saibam. Fiquei feliz por isso. Porque penso mais na realização pessoal. Este processo é o alimento da alma.

Re - Após ter ocupado cargos em 26 empresas e de continuar trabalhando em seis delas, o que o empreendedor Luiz Biagi está fazendo pelos outros?

Luiz - A pessoa que trabalha comigo precisa acreditar em mim, naquilo que eu faço, mas precisa também ter a contrapartida. Uma das lojas Benetton, por exemplo, é gerenciada por uma menina de 19 anos. Mais para a frente acabo vendendo a loja para ela, como fiz com outras empresas que montei. Se eu posso ajudar uma pessoa, e acho que devo, faço sem ter nenhum interesse.

Re - Você então dá valor ao talento?

Luiz - Na Zanini tentava mostrar que a única diferença que existe entre as pessoas é o conhecimento. Quando me perguntavam porque fulano ganha mais, respondia: porque ele sabe mais. Só por isso.